

Considerações Finais

Não é mais simples concluir do que dar início. Fica a sensação de que o último ponto final destas páginas, apesar de decretar o fim de um conjunto de escritas, não dá fim aos meus interesses e objetivos que, pelo menos em parte, ganhou forma no teclar das letras. Assim, o último ponto final perderá muito do significado que comumente possui. Neste momento, ele significará mais o desejo de um recomeço do que o suspiro da conclusão. Já aqui não existe o sentimento de alívio, mas a vontade de alcançar o porvir.

Nessas páginas anteriores encontramos um esforço de cercar algumas questões relacionadas à fotografia. Logo, se tratou mais de um momento de aproximação com um tema e com algumas inquietações do que um mergulho profundo, propriamente dito.

Na tentativa de colar lado a lado *fotografia e memória* e *fotografar e historiar* buscou-se uma maneira dessas formas de dizer se encontrarem a partir de algumas semelhanças, bem como de reconhecê-las justamente nas suas diferenças.

Tentamos apresentar a fotografia como um artifício capaz de inventariar as transformações das cidades, neste caso específico, a cidade do Rio de Janeiro na sua *belle époque*. Por conseguinte, mostrar como o álbum de fotografias da cidade se tornou instrumento com valor de prova, uma representação fiel do mundo visível, a serviço de um projeto modernizador da cidade-capital. As fotografias que Malta faz da cidade possuem uma função relacionada ao projeto de mobilização nacional em torno de uma identidade moderna que se forjava naquele tempo. Assim compreendemos a imagem fotográfica como um ponto de partida da memória, capaz de sintetizar o sentimento de pertencimento a um grupo ou a um determinado passado ou presente. De acordo com essa perspectiva, a filiação de Augusto Malta ao projeto do prefeito Pereira Passos interveio no seu entendimento pessoal a respeito do estatuto da fotografia, o que o levou a adequar a técnica fotográfica aos objetivos oficiais.

Para frente, pretendo realizar uma pesquisa que se dedique às nuances das composições do fotógrafo, tomando uma comparação entre as séries produzidas para o poder público e os retratos encomendados por particulares. Nesse sentido, o enquadramento, nas duas acepções anteriormente explicitadas, é central para a análise da obra de Malta. Ao posicionar e recortar o que fica dentro das margens da foto Malta escolhe o que deve ser lembrado e esquecido, a partir um ponto de vista específico.

Ao contrário do caráter de acaso e intuição que muitos intérpretes tentam dar à obra de Augusto Malta, tornando-a ainda mais dependente do projeto de Pereira Passos, entendemos que o fotógrafo foi um estudioso da técnica e usamos algumas evidências do método desenvolvido por ele como indício desta proposta.

Muitos incorrem no equívoco de pensar que para fazer da sua fotografia uma “intérprete fiel da realidade” Malta não intervinha no momento de fazer a foto. Percebemos, entretanto, que para dar a impressão de realidade almejada, e ao mesmo tempo imprimir uma sensação de neutralidade, o fotógrafo tinha de dominar por completo todos os expedientes técnicos, bem como ajustá-los adequadamente para que atingisse o resultado desejado. Embora sua obra se apresente de maneira bastante homogênea, Malta compunha suas fotografias valorizando alguns expedientes técnicos em detrimento de outros de acordo com o assunto fotografado e de quem contratasse o serviço.

Além das fotografias para a prefeitura, Malta fez centenas de fotos para empresas privadas, para algumas famílias, registrando casamentos, por exemplo, e também ampliou sua rentabilidade numa atividade bastante comum: os *portraits*. Como gênero fotográfico, o retrato significou para Malta uma forma de produção visual figurativa, e objeto de desenvolvimento da sua expressão pessoal.

Em certa medida, o retrato fotográfico permite ao fotógrafo um controle maior sobre o resultado, justamente porque ele pode indicar ao modelo, antes do clique, a maneira de posar, a expressão, interferir no vestuário, no cenário, além de definir as variações técnicas em termos de iluminação, enquadramento, angulação.

Neste fim, registro os meus maiores aprendizados: de que o fim não chega; e de que o momento da escrita é de tal forma único que só sabemos o que de fato vamos fazer quando estamos escrevendo. A escrita nos guarda as surpresas de empacar ou avançar diante dos limites. O bem que a escrita me fez foi tão

inequívoco, que eu mesma não sei se fiz a ela, à escrita, um bem tão grande em retribuição.